

3'S dos megaeventos esportivos - soft power, sportswashing, sports diplomacy: as Copas do Mundo dos BRICS e Catar

RESUMO

Neste artigo busca-se analisar a forma como os países dos BRICS e Catar utilizaram os megaeventos esportivos como discurso de ampliação da sua influência política. Para isso o artigo discute (a) a esfera pública e suas interfaces no esporte; (b) as Copas de 2010 a 2022, como exemplos de Soft Power, Sportswashing e Sports Diplomacy. Como estrutura analítica faz-se uma interface entre os estudos que discutiram o papel da mídia ocidental durante os eventos e os 3'S da FIFA. O argumento central reside no protagonismo da FIFA durante o ciclo das Copas em países do sul global e a existência de um modus operandi FIFA nas últimas quatro Copas.

PALAVRAS-CHAVE: FIFA; Transnacionalidade; Esfera pública

Marco Bettine

Professor Associado III
Universidade de São Paulo
Escola de Artes Ciências e Humanidades
marcobettine@usp.br
<https://orcid.org/0000-0003-0632-2943>

3'S of sporting mega-events - soft power, sportswashing, sports diplomacy: the BRICS and Qatar World Cups

ABSTRACT

This article seeks to analyze how the BRICS countries and Qatar used sporting mega-events as a discourse to expand their political influence. For this, the article discusses (a) the public sphere and its interfaces in sport; (b) the 2010 to 2022 World Cups, as examples of Soft Power, Sportswashing and Sports Diplomacy. As an analytical structure, an interface will be made between the studies that discussed the role of the western media during the events and the 3'S of FIFA. The central argument resides in FIFA's role during the World Cup cycle in countries of the global south and the existence of a FIFA modus operandi in the last four World Cups.

KEYWORDS: FIFA; Transnationality; Public sphere

Los 3 de los megaeventos deportivos - soft power, sportswashing, sports diplomacy: las Copas Mundiales de los BRICS y Qatar

RESUMEN

Este artículo busca analizar cómo los países BRICS y Qatar utilizaron los megaeventos deportivos como discurso para expandir su influencia política. Para ello, el artículo discute (a) la esfera pública y sus interfaces en el deporte; (b) las Copas del Mundo de 2010 a 2022, como ejemplos de Soft Power, Sportswashing y Sports Diplomacy. Como estructura analítica, se realizará una interfaz entre los estudios que discutieron el papel de los medios occidentales durante los eventos y los 3'S de FIFA. El argumento central reside en el papel de la FIFA durante el ciclo mundialista en los países del sur global y la existencia de un modus operandi de la FIFA en las últimas cuatro Copas del Mundo.

PALABRAS-CLAVE: FIFA; Transnacionalidad; Esfera pública

INTRODUÇÃO

A partir do início do século XXI, entra em curso uma reconfiguração dos centros de poder político e econômico mundiais, que se deslocam dos Estados Unidos e Europa ocidental em direção a novas regiões, representados sobretudo pelo conjunto de países que integram o BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Compreendendo 41% da população e 24% do PIB mundial, os países do bloco passaram a recorrer à realização de grandes eventos esportivos como forma de alavancar as suas economias. Esse fenômeno foi inaugurado com a realização dos Jogos Olímpicos em Beijing, em 2008. Em seguida, era a vez de a África do Sul voltar à cena mundial: após quase meio século do regime do apartheid (1948-1994), o país havia eleito Nelson Mandela como presidente, promulgado uma nova constituição e redesenhado sua bandeira nacional, que passava a simbolizar os diversos elementos da sociedade do país. Esse processo de superação do passado e busca de um novo patamar de inserção mundial foi acompanhado, no campo da *Sports Diplomacy*, pela realização da Copa do Mundo FIFA em 2010 — a primeira realizada no continente africano. Esse acontecimento tem relevância ainda maior quando se lembra que o esporte havia sido utilizado pela comunidade internacional justamente para condenar o regime segregacionista no passado: o país não pode competir nos Jogos Olímpicos de 1964 até 1988, e foi banido da FIFA entre 1961 e 1991.

O Brasil com o governo Lula ampliava seu espaço de relações multilaterais com o uso do *Soft Power*, e tinha como pretensão redesenhar o Conselho de Segurança da ONU, conseguindo sediar os primeiros Jogos Olímpicos e paralímpicos da América do Sul, e ser o primeiro país a organizar em menos de dois anos os dois maiores eventos esportivos mundiais, a Copa FIFA 2014 e Jogos Rio 2016.

A Rússia, por sua vez, sediou os Jogos Olímpicos de inverno em 2014 e a Copa da FIFA em 2018, Vladimir Putin se envolveu pessoalmente, inclusive com visitas a outros países-membros do comitê onde foi em busca de apoio nas votações, *Sports Diplomacy*. A realização dos eventos, visava mostrar ao mundo e aos seus próprios cidadãos a nova Rússia, forte como já havia sido, bem como tornar o país mais atraente no estabelecimento de relações com outros países, tudo isso estimulando o sentimento de orgulho nacional, após um período de crise doméstica decorrente do esfacelamento da URSS, neste momento se iniciam as discussões sobre os abusos do *Soft Power* e a tentativa de utilizar o esporte para lavar uma reputação manchada, ou *Sportswashing*.

O Catar foi o primeiro país árabe e muçulmano a sediar a Copa do Mundo da FIFA. Seu objetivo era estender as parcerias com o Ocidente para a venda de gás. O uso deliberado do *Soft Power* esportivo contrastou com as análises feitas sobre o *Sportswashing* no Catar e Estados do Golfo.

No caso específico deste artigo analisar-se-á a forma como os BRICS e Catar utilizaram os megaeventos esportivos como discurso de ampliação da sua influência política.

Buscar-se-á aprofundar os seguintes tópicos: (1) discutir o conceito de esfera pública e as interfaces na diplomacia esportiva; (2) ampliar o conceito da diplomacia dos eventos esportivos no contexto da sociedade global e seus limites; (3) utilizar as Copas de 2010 à 2022, como exemplos de análise dos 3'S da FIFA - *Soft Power, Sportswashing e Sports Diplomacy*, por meio de análises de artigos que estudaram as mídias ocidentais durante os eventos.

Far-se-á um balanço com as pesquisas recentes referente a legados tangíveis e intangíveis e, principalmente, os problemas enfrentados por estes países para sediarem os megaeventos esportivos. Um dos objetivos deste artigo é manter o diálogo com as publicações nacionais e internacionais, e pensar, por meio da experiência destes países, a dinâmica das confederações e federações internacionais como atores globais nas relações internacionais.

MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, TRANSNACIONALIDADE E ESTRUTURA DE ANÁLISE

O uso dos megaeventos esportivos no mundo globalizado caminha com o avanço do neoliberalismo (Almeida, et al, 2019), essa mesma visão é compartilhada com Nye (2008) sobre a ideia de Soft Power onde a coerção militar e econômica deve ser partilhada com a influência cultural. A busca por prestígio e influência internacional pode ser construída pela força militar e simbólica (BETTINE, 2023).

Jennings (2011), Murray (2012) e Müller (2015), apresentam os novos contornos dos megaeventos esportivos no século XXI, primeiro, para os autores, houve a ampliação da utilização do esporte como meio diplomático, Sports Diplomacy, segundo, o aumento exponencial dos gastos públicos nos países dos BRICS e Catar para sediar a Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA e; por último, a corrupção estrutural na FIFA e a utilização dos eventos para limpar a reputação da entidade - Sportswashing. Este artigo buscará compreender de forma transversal o modus operandi da FIFA nas quatro Copas do Mundo de Futebol Masculino da entidade.

Para discutir este objeto, buscou-se análises transversais com uma literatura crítica sobre a FIFA (FERREIRA, 2020; GAFFNEY, 2018; DAMO, 2016; BRANNAGAN, ROOKWOOD, 2016; CORNELISSEN, 2010). Para Bettine (2020), as nações desenvolvidas se utilizam de elementos de cooptação cultural e social para impor sua força no jogo político internacional. Compreende-se que esta visão do autor deve ser ampliada, pois o fenômeno esporte como estrutura global constrói-se a partir dos princípios de Debord (1997) de sociedade do espetáculo onde a nação dominante está no coração e nas mentes das nações dominadas, neste contexto a dominação exerce-se por meio dos princípios da cooptação estratégica e da reificação.

Para analisar o fenômeno esporte nos megaeventos, particularmente o da FIFA, aprofundar-se-á os conceitos de esfera pública, Soft Power Sportswashing Sports Diplomacy. A análise é transversal e tangencial às três categorias anteriores, aos denominados legados.

Os exemplos de legados variam de aspectos comumente reconhecidos (planejamento urbano, infraestrutura esportiva) à legados intangíveis, como regeneração urbana, reputação internacional, turismo, melhoria do bem-estar público, empregos, oportunidades de negócios, realocação corporativa, marketing da cidade, espírito comunitário renovado, melhor cooperação inter-regional, produção de ideias, produção de valores, memória popular, oportunidades de educação.

Esses legados positivos contrastam com legados negativos, como dívidas de construção, altos custos de oportunidade, infraestrutura desnecessária, exclusão temporária de cidadãos, perda de turistas, aumento do aluguel de propriedades, deslocamento socialmente injusto e má distribuição de renda (FERREIRA, 2020; GAFFNEY, 2018; DAMO, 2016).

Se, por um lado, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo estenderam seu alcance global, da eurásia à América do Sul, passando pelo continente africano e terminando no Golfo Pérsico. Por outro lado, há movimentos sociais engajados e politizados. Pessoas e comunidades desenvolveram uma consciência de que os custos dos megaeventos – sociais, econômicos e ambientais – geralmente excedem seus benefícios. Acadêmicos e ativistas têm atraído atenção significativa nos círculos políticos com publicações que demonstram a relação custo-benefício desfavorável dos megaeventos (KASSENS-NOOR, et al., 2015; ZIMBALIST, 2015). A mídia global divulgou amplamente as consequências negativas dos Jogos Olímpicos de Sochi em 2014 e no Rio de Janeiro em 2016, e nas Copas da África do Sul, Brasil, Rússia e Catar, desde violações de direitos humanos à excessos financeiros e legados duvidosos (BETTINE, 2023).

A opinião pública em muitas cidades também se voltou contra os megaeventos. As promessas dos impulsionadores de megaeventos de aumento de empregos, transformação da imagem de uma cidade e nova infraestrutura estão agora sujeitas a intenso escrutínio público. Casos

contínuos de negociações corruptas de proprietários de megaeventos causaram protestos públicos e aumentaram a pressão por reformas dos megaeventos (LENSKYJ, 2020).

A Copa dos BRICS ocorreram na África do Sul, 2010; Brasil, 2014; Rússia, 2018. Em 2022 no Catar. Em termos gerais, o torneio final da FIFA ocorre em um país, exceções – Copa de 2002 Japão e Coreia do Sul e 2026 Canadá, EUA e México. A lisura do processo de escolha desses países foram amplamente discutidos pela mídia, a FIFA, o Comitê Organizador da Copa e o Comitê Organizador Local foram retratados e demonstrados estruturas complexas de suborno e falta de transparência (JENNINGS, 2011).

A fase de execução das promessas de candidatura foi bastante conturbada nos países analisados. Mesmo com os temores em relação aos atrasos característicos das nações do sul global. Entende-se que o termo “realização” não se restringe apenas ao período dos jogos propriamente ditos, mas igualmente aos longos anos de preparação que antecederam os campeonatos. Isso porque as cobranças da FIFA foram se tornando cada vez mais duras ao longo dos anos, de sorte que as obras de infraestrutura urbana planejadas pelos Livros de Candidatura e modificadas pelos Relatórios de Inspeção precisariam ficar prontas. Assim, a estrutura da FIFA, no que se refere a estádios, transportes para turistas e logística para os jogos pôde ser visto desde cedo, em detrimento das ações de infraestrutura para a população local.

Ao fazer uma análise transversal das Copas dos BRICS e Catar, o artigo apresenta o modelo de governança da FIFA. O argumento central reside no fato de que a FIFA foi a protagonista das inúmeras transações político-econômicas percebidas durante o ciclo das Copas e que há um *modus operandi* com os países do sul global em que se constrói a ideia da ampliação do Soft Power do país-sede, alimenta-se uma estrutura da Sports Diplomacy, e os casos de corrupção são amenizados com o discurso da maravilha do esporte e sua arte, em outras palavras, Sportswashing.

O JORNAL COMO ARTICULADOR DA ESFERA PÚBLICA INTERNACIONAL

A esfera pública assume a função simbólica de integração social e de assegurar a autonomia do mundo da vida frente ao sistema. “Surge como uma zona de conflitos, na qual princípios opostos possam se colocar em debate na busca de consensos” (AVRITZER, COSTA, 2004, p.715). A esfera pública tem como característica elementar ser um espaço irrestrito de comunicação e deliberação pública, que não pode ser anteriormente estabelecido, limitado ou restringido, cujos elementos constitutivos não podem ser antecipados. Em princípio, está aberta a todo âmbito social. Não

existem temas ou contribuições a priori englobados ou excluídos. A esfera pública é sempre indeterminada quanto ao conteúdo da agenda política e aos indivíduos e grupos que nela podem figurar.

Desse modo, Habermas (2014, p. 93) propõe a adoção da ideia procedimental de deliberação pública, pela qual os “contornos da esfera pública se forjam durante os processos de identificação, filtragem e interpretação” acerca de temas e contribuições que emergem das esferas públicas autônomas e são conduzidos para os foros formais e institucionalizados do sistema político e administrativo. É nesse caráter procedimental de justificação da legitimidade que se realiza a normatividade da esfera pública.

A esfera pública significa uma maneira de ver determinada coisa que passa por um julgamento, questionamento, teria uma função importante de controlar o exercício do poder político. Através da publicização das ações políticas institucionais, o público pode supervisionar e criticar tais ações garantindo maior transparência. A noção de opinião pública é fundamental, pois se baseia na racionalização comunicativa que é inerente à condição humana, possibilitando que qualquer argumento pode ser colocado à prova (LOSEKANN, 2009).

Não se deve subestimar o potencial de crítica e de seleção de um público, capaz de preservar suas diferenciações internas e sua pluralidade a despeito da pressão cultural e politicamente homogeneizadora da mídia. A fonte de legitimidade política não pode ser, a vontade dos cidadãos individuais, mas o resultado do processo comunicativo de formação de uma vontade coletiva. É esse processo que operado dentro da esfera pública estabelece a mediação entre o mundo da vida e sistema político, permitindo impulso do mundo da vida para que cheguem até as instâncias de tomada de decisão instituída pela ordem democrática (LUBENOW, 2012, MELO, 2015).

No que concerne aos materiais da mídia internacional, percebe-se que as diversas transformações da globalização afetaram sobremaneira o material jornalístico.

A cultura de massa do capitalismo transnacional passou a diluir as fronteiras do que era cultura erudita, cultura popular e publicidade e ainda contribuir para dissolver as delimitações de práticas textuais na ideia de gêneros no jornalismo. Até mesmo a Copa do Mundo já se consagrou como um produto de consumo de uma indústria cultural altamente rentável para a FIFA, ultrapassando a concepção de ser uma mera competição esportiva entre os povos.

A Copa do Mundo, enquanto item mercadológico, passou a estar cada vez mais presente na vida de seu público/receptor/consumidor principalmente no século XXI. Desde a divulgação de grandes marcas e lugares, nas práticas de vendas de ingressos, construção de novos estádios, incremento do turismo e hotelaria das cidades-sedes, nos avanços da publicidade e propaganda ou nas transmissões pela TV, internet, e na mídia jornalística internacional (MAHARAJ, 2015).

Nessa mudança do “como fazer” jornalismo, a preocupação sobre como são repassados os acontecimentos e os conceitos ganha tanta importância quanto à obrigação de informar criticamente sobre a sociedade, sobre o que acontece no mundo. O atual momento serve de pano de fundo para que se possam relativizar preceitos que regem o discurso factual e, desse modo, refletir sobre o lugar do jornalismo, redimensionando o papel do produtor de textos, e o do leitor, enquanto (re)produtor dos discursos.

A comunicação suplanta de vez sua simplória identificação “com a informação e está com um simples procedimento de transmissão de sinais” (HABERMAS, 2012a, p.35). Pelo contrário, com um sentido mais amplo, a teoria do agir comunicativo vem tratando a interação como central. E para haver interação, é preciso cada vez mais conhecer quem são os possíveis ouvintes da mensagem proferida, o seu sujeito destinatário-interpretante, bem como os contextos em que ela foi produzida e recebida.

Como escreveu Habermas (2012a, p.123) “a especificidade humana está na subjetivação e no diálogo”. Nenhum veículo de comunicação escreve em vão, mas sim, pressupõe um outro, uma necessidade intrínseca ao caráter social da linguagem. Comunicação, jornalismo, cultura e narrativa são palavras que precisam ser reconstruídas pelo olhar da ação comunicativa.

O propósito da comunicação é dar sentido ao ato de fala, tornar a linguagem inserida no Mundo da Vida. É o signo de troca, relação. É o lugar da observação do mundo em que vivemos, falamos, o mundo em acontecimento. Não há jornalismo sem comunicação. Jornalismo é um processo histórico-cultural, locus das mediações e representações. Para que isso ocorra, o jornalista utiliza da linguagem para abranger os acontecimentos e criar sentidos. Daí a importância de conhecer a cultura, inserir-se para compreender os processos comunicacionais, para, deste ponto, produzir as narrativas.

A segmentação de públicos e a busca frequente pela audiência exemplificam tais conceitos no âmbito do jornalismo. A Era da Informação (imediate e multiplataforma) passa a exigir mais do jornalismo, se este quiser permanecer importante. É preciso oferecer informações como processo de formação, de maneira mais aprofundada, analítica, e, principalmente, embebida em uma linguagem pertencente ao leitor. Uma linguagem que faça parte do contexto em que está inserido, que represente o Mundo da Vida. Em contextos podem variar conforme o público-alvo ou sujeito-destinatário que o veículo/jornalista vislumbra no momento da produção de conteúdo, a informação passa a ser pura enunciação. “Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo, do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento”. (HABERMAS, 2012b, p.12).

As mídias, cujos papéis informativo, econômico, político, sociológico, entre outros, apresentam-se de forma simultânea em diversos momentos, serão compreendidas pela sua característica comunicativa. Não há ingenuidade ao pensar que as mídias utilizadas não possuem uma estrutura sistêmica, tanto no Sistema Dinheiro quanto no Sistema Poder. Funcionam segundo a lógica econômica que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca de bens de consumo. No entanto, focar-se-á na lógica simbólica que faz com que todo sistema de informação tenha por vocação participar da construção da esfera pública.

O jornalista constrói significados aos objetos do mundo, transformando um acontecimento em notícia; e o artigo de jornal atua como fala aos sujeitos comunicantes, cuja missão é a de informar e levar a notícia ao seu público, possibilitando os sujeitos a compreenderem os objetos.

Os países estudados não são formados apenas por instituições, mas também por símbolos e representações socialmente compartilhadas das características de seu povo. São sentidos construídos que estão inseridos em memórias, importantes para a construção de uma identidade e que se inserem numa comunidade imaginada (HALL, 2005, p.57). E a linguagem tem papel fundamental nesse processo porque é através dela que tais representações compartilhadas se materializam, advindo tanto da experiência do indivíduo, quanto do seu contato com os outros membros da sua coletividade.

Em países com ampla diversidade étnico-cultural, assim como em um evento dessa característica que é a Copa do Mundo FIFA, as identidades múltiplas e instáveis ficam ainda mais visíveis à medida que as problematizamos e tentamos caracterizá-las. A África do Sul, Brasil e Catar não se diferenciam das colônias e das demais dependências de antigos impérios que se tornaram países libertos. Assim como eles, que “por mais novo e inédito seja seu surgimento, necessitam de uma história e uma bandeira. Só assim, a memória que têm do antigo império poderá ser dominada pela história da criação do novo país, que tende a tomar a forma de um mito fundador de luta e libertação” (HOBSBAWM, 2014, p.82). Ou a contrário sensu legitimar o retorno de um Império que seria a URSS.

Com o advento dos meios de comunicação em massa, as competições internacionais também ganharam o caráter de espetáculo, e os países e cidades-sede passaram a aproveitar a atenção amplificada, por parte dos públicos estrangeiros, para projetar sua imagem ao mundo. A realização de megaeventos esportivos é vista, pelos governos dos países anfitriões, como plataforma para a projeção internacional de seus interesses e para a difusão de mensagens diretamente às populações dos outros países.

Com as câmeras de todo mundo voltadas para estes países, a mídia permite-se construir a identidade de um país por meio das múltiplas identidades pessoais, dos múltiplos personagens entrevistados, das múltiplas facetas construídas, a partir das reportagens publicadas. A comunicação parece ser uma área privilegiada para seu exercício de compreensão, no sentido amplo: uma excelente arena para se repensar as relações entre o sujeito e o objeto, entre o familiar e o distante, para se rever as hierarquias das classificações culturais.

A ANÁLISE DOS DADOS

Entrando no material de análise, principia saber os sujeitos, África do Sul, Brasil, Rússia e Catar. Todos estes Estados-nação utilizaram os megaeventos esportivos como vitrine. Os megaeventos esportivos foram vistos pelas lideranças dos países como uma chance de mostrar ao mundo o desenvolvimento do país, sua capacidade organizacional e, através dos jogos, mostrar-se como uma nação que age de acordo com as regras internacionais, em um ambiente de globalização neoliberal.

Além de utilizar as estratégias típicas das relações internacionais para demandas de comércio exterior, o que se tornou evidente no século XXI foi a utilização estratégica do esporte como meio para busca de promoção política e econômica internacional, bem como, a intenção de reforçar as agendas domésticas, a legitimidade política e a coesão nacional.

Na África do Sul o foco da imprensa foi o apartheid, o regime racista que vigorou entre 1948 e 1994 foi discutido a fundo pela imprensa que abordou desde suas raízes históricas até ramificações contemporâneas, utilizando estratégias de Soft Power, Sports Diplomacy. No artigo do Daily Mail uma reportagem emblemática denominada “Capitão da África do Sul Aaron Mokoena: O futebol mestiço ajudou a superar meu medo dos brancos” (Barlow, 2010). Na reportagem o capitão da seleção da África do Sul lembra os feitos de Nelson Mandela na Copa do Mundo de Rugby em 1995 como um dispositivo para unir o país. Mandela encorajou os negros a apoiar os Spingboks, tradicionalmente um símbolo da classe dirigente africâner branca. A vitória do time, segundo Mokoena, ajudou a unir a nação. Mokena fala, no entanto, que em 1992, o município onde morava foi palco de um massacre. O capitão da África do Sul tinha 11 anos quando “46 pessoas foram mortas por filiados do Partido da Liberdade Inkatha (IFP)” (idem).

O ex-presidente e Nobel da Paz Nelson Mandela foi o tema mais importante na mídia internacional, as reportagens analisaram seu cotidiano, sua história e suas opiniões políticas. Isso foi

ampliado devido ao trágico acidente de carro que matou sua sobrinha na véspera da cerimônia de abertura, com a imprensa cobrindo amplamente seu luto.

A Rússia tem influência importante na cultura ocidental, sua literatura, os filmes, a Revolução Bolchevique, o czarismo, são fontes de temas para entender o mundo da vida dos russos. No entanto, o tema mais discutido foi o retorno do país à mesa de negociações com as nações do Ocidente. No texto do NYT “A Rússia definiu os termos da Copa do Mundo para o Ocidente. Os russos vão abraçar o partido de Putin? Smith (2018) discute como a Rússia conquistou o direito de sediar o torneio, a sua cultura bélica; o espectro do racismo e da homofobia e do hooliganismo desfigurando, “este será o grande evento da jogada de Putin” (idem). Em vários momentos a Rússia é retratada por uma Sports Diplomacy voltada para o leste e o uso do Sportswashing.

Sobre o Catar, esperava-se críticas contundentes em relação à cultura do país, principalmente sobre a desigualdade de gênero, no entanto, o pesquisador via como possibilidade encontrar artigos que discutiam as origens do Islã, a figura de Maomé, as cidades de Medina e Meca, a cultura árabe, a relação com o Império Otomano e Persa, as formas arquitetônicas, as cidades de areia e um pouco da passagem de um pequena tribo que vivia de pérolas para uma das maiores petromonarquias do Oriente Médio.

Mas a opinião pública dos discursos jornalísticos apresentou o Catar como um ambiente hostil aos turistas, exceto se eles fossem extremamente ricos. Os cataris não buscavam dialogar com os visitantes, as reportagens demonstravam que a comunidade migrante era a que se relacionava com as pessoas que foram ver a Copa. Registros dos jornais apontam que a permanência do turista no Catar foi a menor de todas as Copas do Mundo estudadas (Bettine, 2023). O universo dos documentos analisados demonstram o uso recorrente do Sportswashing do Catar e os países do Golfo.

O texto do The Guardian anuncia o início da Copa do Catar da seguinte maneira: “Qatar 2022 está realmente acontecendo?” (Liew, 2022), a reportagem relata as mortes dos trabalhadores migrantes nas obras, “essas pessoas merecem nossa lembrança e nossa vigilância futura, mesmo quando o futebol ocupa o centro do palco” (idem). Outro editorial do The Guardian (2022) discute o sistema de emprego no Catar, Kafala, “A Copa do Mundo realmente melhorou os direitos dos trabalhadores no Catar? Cinco especialistas dão seu veredicto”.

Ao contrário do que se poderia esperar, os megaeventos esportivos não mostraram aspectos singulares da cultura desses países, mas sim focou em elementos já comuns pelos leitores, neste caso o Apartheid, a história bélica da URSS/Rússia e o trabalho migrante e a falta de direitos humanos no Catar.

Outro aspecto importante foi a análise dos jornais sobre a cultura do futebol em cada país. Na África do Sul, os meios de comunicação retrataram o futebol como um esporte emergente. No Brasil, o foco estava no profundo significado histórico do esporte e na metáfora do “país do futebol” e a “pátria de chuteiras” (Daily Mail, 2014). Na Rússia, a principal notícia sobre o futebol foi a relação cidades-sede e times de futebol, segundo o jornal espanhol, El Mundo, das onze cidades-sede da Copa do Mundo de 2018, apenas cinco têm times de futebol na primeira divisão. No Catar Copa do Mundo 2022, discutiu-se o investimento catariano no futebol internacional europeu, principalmente a compra do PSG e os investimentos na Alemanha e Inglaterra. Um ponto exclusivo do Catar, em relação as outras Copas, foi as investigações jornalísticas da BBC sobre os “torcedores falsos”.

The Guardian (2022), discute “O que a Copa do Mundo significa para o Oriente Médio e o mundo árabe?” “A primeira coisa a deixar claro é que estamos falando de uma enorme fatia da humanidade.” O “mundo árabe” se estende do Marrocos, na costa noroeste da África, até, dependendo da sua definição, os Emirados Árabes Unidos ou até o extremo leste do Afeganistão. Se definirmos o mundo árabe apenas como aquelas nações onde o árabe é predominantemente falado, ainda estamos falando de 22 países com uma população de 430 milhões.

A Rússia foi considerada um país hostil aos estrangeiros, no qual as pessoas deveriam ter cuidado devido a cultura racista, misógina e homofóbica do país (Senett, 2018). Com vários ativistas presos e repórteres de mídias livres sendo expulsos ou não podendo entrar no país. A Copa fortaleceu o belicismo, como: guerra na Síria, derrubada de um avião civil por míssil e assassinatos por envenenamento dos opositores de Putin.

O Catar teve o mesmo caminho que a Rússia, porém acresce-se a dualidade do turista extremamente rico e os que vieram com muita economia e paixão para acompanhar o mundial. Os cidadãos de outros países pouco contato tiveram com os cataris, os locais eram extremamente segregados, tendo leis draconianas em relação às mulheres, homossexuais e comunidade jornalística que gostariam de construir uma visão do Catar pelos cataris e não ficar limitado somente ao discurso oficial.

Outro objetivo de uma nação acolher um megaeventos esportivos, na perspectiva da Sports Diplomacy, é divulgar seus valores políticos, demonstrar que as instituições funcionam, o país é seguro e que respeita as diversidades em todos os sentidos. O agir comunicativo tem um papel fundamental neste processo, apresentando o país ao público estrangeiro, com alteridade, buscando conhecer o outro e auxiliá-lo, ter instituições democráticas que presam pelos direitos de todas as nações e crenças, onde o país anfitrião seja inspiração para os visitantes, que tenham na bagagem de volta a sensação de estar em um local que respeita os valores éticos universais.

A literatura analisada colocaram as instituições dos países-sede em dúvida, principalmente sobre suas democracias, consideradas frágeis, África do Sul e Brasil, ou não democráticas, Rússia e Catar. Estes países foram considerados estruturalmente corruptos. Em relação aos direitos humanos, evidenciou-se vertentes de racismo, xenofobia, misoginia e homofobia estruturais. No caso da África do Sul e do Brasil, as literaturas são dominadas por questões sociais, principalmente relacionadas à desigualdade, saneamento, falta de oportunidades e infraestrutura urbana. No caso da África do Sul, a epidemia de AIDS foi amplamente discutida. No caso brasileiro temos o editorial do El País com a reportagem: “Infância + Favela = Futebol?” (Hierro, 2014). A mídia muitas vezes usou as favelas no Brasil e os Townships na África do Sul, para discutir a situação social desses países, esses lugares foram retratados de forma conflituosa: por um lado a mídia mostrava a comunidade como uma região única, exótica e detentora de uma cultura mais legítima, mas também como uma região com graves problemas sociais e econômicos (Almeida, Özdemir, 2022).

Richter e Massawe (2010) em um artigo publicado no jornal acadêmico *South Africa Medical Journal* discutiram a Copa do Mundo de 2010. Os pesquisadores apontaram que na África do Sul foram criados tribunais de exceção nas cidades-sede, para conter a violência contra o turista. As reportagens analisadas com frequência referenciavam às Nações Unidas e a presença do secretário geral Ban Ki-Moon. O secretário apontou que a infraestrutura para os jogos deveria pensar para além da Copa no intuito de construir campanhas efetivas contra o abuso infantil, a exploração, o turismo sexual infantil e o tráfico de pessoas. Outros eventos e campanhas deveriam incluir racismo e intolerância, trabalho infantil, violência contra as mulheres e meninas, e prevenção, tratamento, cuidados e apoio ao HIV/AIDS.

No caso brasileiro, o desabamento de um viaduto construído para os jogos na cidade-sede de Belo Horizonte teve abrangência ampla, apontando a falta de qualidade da infraestrutura e os gastos na Copa sem retorno aos brasileiros. As favelas, os confrontos entre a polícia e as comunidades que levaram a morte de jovens negros foram bem retratados, inclusive com referência ao relatório da ONU. Outro ponto importante, foi Irina Bokova, Diretor-Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura que apontou a morte de jornalistas no Brasil.

Na Rússia surgem novos elementos. A cobertura enfocou questões sociais como racismo, assédio sexual, homofobia e xenofobia. A xenofobia e o racismo seguem uma trajetória semelhante. A questão da xenofobia está presente na imprensa britânica, como no *The Guardian*, em reportagem realizada em 14 de junho de 2018, onde a legisladora russa Tamara Pletnyova afirma: “Não faça sexo com homens de 'raça diferente' durante a Copa do Mundo, alerta política russa”, “Mulheres russas devem evitar sexo com homens estrangeiros não brancos durante a Copa do Mundo de futebol porque podem se tornar mães solteiras de crianças mestiças” (*The Guardian*, 2018). Neste

caso a legisladora descreve ao jornal a dificuldade das crianças não brancas na sociedade russa. No caso da homofobia a preocupação vem da ideia de que a sociedade russa é hostil aos direitos civis da comunidade LGBTQIA+, como no caso da CNN, “Ativista dos direitos gays do Reino Unido é preso na Rússia na abertura da Copa do Mundo”. A Rússia adotou uma série de leis restringindo os direitos da comunidade LGBTQIA+ (Spark, 2018).

No caso do Catar, tivemos a intervenção direta da FIFA ao coibir manifestações das seleções, proibindo-as de utilizar a braçadeira do arco-íris. A Folha de SP discutiu o motivo que levou à FIFA a ameaçar dar cartão amarelo, para que as seleções não vestissem a braçadeira contra homofobia. Segundo o Jornal brasileiro, desde a indicação para sediar o evento em 2010, o Catar tem sido alvo de fortes críticas, intensificadas ainda mais pela proximidade do torneio, especialmente em termos de direitos humanos, particularmente, pessoas LGBTQIA+ e trabalhadores migrantes, incluindo os que trabalharam nas obras da Copa do Mundo. Outro relatório da ONU em 2018 do Escritório de Instituições Democráticas e Direitos Humanos da Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), descreve evidências claras de expurgos sucessivos contra pessoas LGBT, sugere uma padrão de impunidade prejudicial à responsabilização por violações de direitos humanos. O Catar é um exemplo de Sportswashing, ao tentar deliberadamente utilizar o Soft Power esportivo na tentativa de alterar uma reputação global manchada.

Política internacional é a forma que ocorre a comunicação entre nações que podem estar pautados por interesses comunicativos ou estratégicos. No foco deste estudo Sports Diplomacy utiliza das normas e valores internacionais, bem como outros agentes da esfera pública, como os clubes, as federações e as ONGs, para construir pontes institucionais nas relações exteriores. Para a África do Sul era demonstrar que o país construiu valores do ocidente pós embargos da comunidade internacional ligados ao apartheid; Brasil queria garantir uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU; A Rússia buscou apresentar suas credenciais de detentora de poder para impor suas demandas pós queda da URSS; Catar queria ampliar sua participação no jogo político Ocidental para se proteger contra os embargos dos países do Golfo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os países analisados utilizaram o evento para ampliar Sports Diplomacy, Soft Power, com a presença de diferentes personalidades e líderes mundiais que circulariam durante o evento, realizando maiores agendas nas relações internacionais.

No caso da Rússia e, fortemente, no Catar foi utilizado com frequência o termo Sportswashing, para demonstrar o uso do esporte para limpar a imagem do país. O termo Soft Power no esporte surgiu na África, no entanto teve mais repercussão no Brasil, pelas dúvidas que pairaram sobre a realização do evento pós jornadas de junho de 2013.

A FIFA comercializa seu produto dentre inúmeros pontos para vender este produto estão Sports Diplomacy, Soft Power, durante um longo tempo o país sede estará na mira da mídia mundial e poderá celebrar seus acordos comerciais em uma conjuntura neoliberal a partir da estrutura sistêmica e do agir estratégico. No entanto, os valores imateriais, como cultura, valores políticos e política internacional não foram atingidos, por faltar elementos do agir comunicativo e valorização do mundo da vida.

Os países analisados pelo seu sentimento de déficit de representatividade e interesse de ampliar sua força e poder no jogo geopolítico mundial, alimentaram o poder da FIFA. Nestes países a Copa deixou um rastro de corrupção, de desalojados, de violência aos direitos humanos e de obscuridade. A FIFA envolve seus parceiros e sua cúpula em um jogo de corrupção e poder, demonstrado pelas investigações dos escândalos gerados nas últimas duas décadas.

A Copa do Mundo em países do sul global demonstrou: (a) despejos de populações pobres sem um processo de compensação; (b) abuso dos trabalhadores, principalmente de migrantes; (c) mudanças nos direitos civis e cerceamento dos movimentos sociais; (d) ameaças, intimidação e prisão de jornalistas engajados de mídias livres.

Analisando a cobertura como um todo, é possível perceber que a variedade de formatos e linhas editoriais dos veículos não impactou no excedentes, de modo que os jornais tendem a discutir os mesmos acontecimentos, com enfoque semelhante, o que já havia sido verificado em outros estudos. Não há conflito editorial entre veículos com poucos assuntos considerados importantes abordados em um veículo e não em outros (Graeff et al, 2019; Gutierrez, Bettine, 2020).

Só é possível especular as razões dessa homogeneidade de cobertura, que pode estar relacionada ao fato de ser um evento único que ocorre por um período limitado, não permitindo uma abordagem mais ampla ou tendo raízes na forma como a imprensa nos países desenvolvidos retrata os países do sul global.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco; OZDEMIR, Marina Thereza Santos de Souza. The Rio Olympic games in the New York times pages: an analysis of Brazilian soft power. **Sociology International Journal**, v. 6, n. 4, p. 234–238, 2022. DOI: 10.15406/sij.2022.06.00292. Disponível em: <https://medcraveonline.com/SIJ/SIJ-06-00292.pdf>
- AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sergio. Teoria Crítica, Democracia e Esfera Pública: concepções e usos na América Latina. **DADOS**, v.47, n.4, 2004, p.703-728. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/218/21847403.pdf>
- BARLOW, Matt. South Africa skipper Aaron Mokoena: Mixed-race football helped overcome my fear of white people. **Daily Mail**. Rustenburg, 11 June 2010. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/sport/worldcup2010/article-1285788/WORLD-CUP-2010-South-Africa-skipper-Aaron-Mokoena-Mixed-race-football-helped-overcome-fear-white> Acesso em: 07 mar. 2023
- BETTINE, Marco. A mídia internacional nas Copas da FIFA: análise da África do Sul, Brasil, Rússia e Catar. Revista **Mosaico**, v.15, n.23, p. 626–652 2023. DOI: <https://doi.org/10.12660/rm.v15n23.2023.88839>. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/88839>
- BETTINE, Marco. A cooptação estratégica dos BRICS pela FIFA: análise da África do Sul, do Brasil e da Rússia. In: GIGLIO, Sérgio; PRONI, Marcelo (orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 281-292.
- BETTINE, Marco; GUTIERREZ, Diego; GRAEFF, Billy. As reportagens das mídias estrangeiras sobre o Brasil dos megaeventos esportivos: soft power, periferia e dependência. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 1353–1368, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.82438. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/82438>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- BETTINE, Marco; GUTIERREZ, Diego; GRAEFF, Billy. As reportagens das mídias estrangeiras sobre o Brasil dos megaeventos esportivos: soft power, periferia e dependência. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 1353–1368, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.82438. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/82438>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- BRANNAGAN, Porter; ROOKWOOD, Jonson. Sports mega-events, soft power and soft disempowerment: international perspectives on Qatar’s acquisition of the 2022 FIFA World Cup finals. **International Journal of Sport Policy and Politics**. v. 8, n. 2, p.173-188, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/19406940.2016.1150868>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19406940.2016.1150868>
- BRANNAGAN, Porter; GIULIANOTTI, Richard. Soft power and soft disempowerment: Qatar, global sport and football’s 2022 World Cup finals. **Leisure Studies**. v. 34, n. 6, p. 703-719, 2015. DOI: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02614367.2014.964291>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02614367.2014.964291>
- CORNELISSEN, Scarlett. The Geopolitics of Global Aspiration: Sport Mega events and Emerging Powers. **The International Journal of the History of Sport**. v. 27, n. 16-18, p. 3008-3025, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/09523367.2010.508306>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2010.508306>.
- DAILY MAIL (Editorial). From patriotic sunbathers to colourful VW Beetles: Incredible photos capture everyday life in Brazil ahead of the World Cup. **Daily Mail**. TRAVELMAIL REPORTER. 12 June 2014. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/travel/article-2655999/Incredible-photos-capture-everyday-life-Brazil-ahead-World-Cup.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.
- DAMO, Arlei. Dinheiro público em megaeventos esportivos: a eficácia de uma justificativa inconsistente. **Ciência e Cultura**. v. 68, n. 2, p. 27-31, abr./jun. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000200011>. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000200011

- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERREIRA, Fernando. Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano. In: GIGLIO, Sérgio; PRONI, Marcelo (orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 457-469.
- GAFFNEY, Christopher. Comparing the urban impacts of the FIFA World Cup and Olympic Games from 2010 to 2016. **Journal of Sport and Social Issues**. v. 42, n. 4, p. 247-269, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/0193723518771830>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0193723518771830>
- GRAEFF, Billy et al. Capable, splendid and unequal: international media portrayals of Brazil during the 2014 World Cup. **Third World Quarterly**. v. 40, n. 4, p. 796-814, 2019. DOI: 10.1080/01436597.2018.1526070. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01436597.2018.1526070>
- GUTIERREZ, Diego; BETTINE, Marco. The international journalistic coverage of the Rio de Janeiro Olympic Games: analysis by media framing. **Sport in Society**, v. 25, n. 1, p.1-16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17430437.2020.1777105>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17430437.2020.1777105>.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. São Paulo, Editora Unesp, 2014.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo, Martins Fontes, 2012a. v 1.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo, Martins Fontes, 2012b. v 2.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HIERRO, Lola. Infancia+favelas=futebol. **El País**. Madrid. 16, jun. 2014. Brasil, p.1. Disponível em: http://elpais.com/elpais/2014/06/09/planeta_futuro/1402337916_559348.html. Acesso em: 07 mar. 2023.
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo – o mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos**. São Paulo: Panda Books, 2011.
- KASSENS-NOOR, Eva; et al. Towards a mega-event legacy framework. **Leisure Studies**. v. 34, n. 6, p. 665-671, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/02614367.2015.1035316>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02614367.2015.1035316>
- LENSKYJ, Varlam. **The Olympic Games: A Critical Approach**. Bingley: Emerald Publishing, 2020.
- LIEW, Jonathan. Qatar 2022 is actually happening: a horrifying but irresistible prospect. **The Guardian**. World Cup 2022. Thu 17 Nov 2022. Disponível em <https://www.theguardian.com/football/2022/nov/17/qatar-2022-is-actually-happening->. Acesso em: 07 mar. 2023
- LOSEKANN, Cristiana. A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro. **Pensamento Plural**. v. 2, n. 4, p. 37-57, 2009. DOI: Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pensamentoplural/article/view/3684>
- LUBENOW, Adriano. A Esfera Pública 50 Anos Depois: Esfera Pública e Meios de Comunicação em Jürgen Habermas em Homenagem aos 50 Anos de Mudança Estrutural da Esfera Pública. **Trans/Form/Ação**. v.35, n.3, p.189-220, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732012000300010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/xX3qzLRtTwwTvfJwmYwq5Kj/abstract/?lang=pt>.
- MAHARAJ, Brij. The turn of the south? Social and economic impacts of mega-events in India, Brazil and South Africa. **Local Economy**. v.30, n.8, p. 983-999, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0269094215604318>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0269094215604318>

- MELO, Rúrion. Repensando a esfera pública: esboço de uma teoria crítica da democracia. **Lua Nova**. n. 94, p. 11-39, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-64452015009400002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/TNbyHTTSVbZ4sfjCHygKHtD/abstract/?lang=pt>.
- MÜLLER, Martin. The mega-event syndrome: Why so much goes wrong in mega-event planning and what to do about it. **Journal of the American Planning Association**. v. 81, n. 1, p. 6–17, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/01944363.2015.1038292>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01944363.2015.1038292>.
- MURRAY, Sort. The two halves of sports diplomacy. *Diplomacy & Statecraft*, v. 23, n. 3, p. 576–592, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/09592296.2012.706544>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09592296.2012.706544>
- NYE, Josephh. Public Diplomacy and Soft Power. **American Academy of Political and Social Science**. v. 616, n. 1, p. 94-111, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/0002716207311699>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0002716207311699>.
- RICHTER, Marlise.; MASSAWE, Dianne. Serious soccer, sex (work) and HIV: will South Africa be too hot to handle during the 2010 World Cup? **South African Medical Journal**. v.100, n.4, p.222-223, 2010. DOI: <https://hdl.handle.net/10520/EJC67265>. Disponível em: <https://journals.co.za/doi/abs/10.10520/EJC67265>.
- SENETT, Keph. World Cup: Safety fears for gay fans heading to Russia. **BBC**. Canada. 13 June 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-44447115>. Acesso em: 07 mar. 2023.
- SMITH Rory; PANJA Tariq. It's the World Cup's Hot Accessory. But Should Fans Wear It? **The New York Times**. 01 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/12/01/sports/world-cup/world-cup-head-scarf.html>. Acesso em: 18.05.2023.
- SPARK, Laura. Gay Rights: activist arrested in Russian Word Cup. **CNN**. Europe. 14 jun 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/06/14/europe/gay-rights-activist-arrested-russia-intl/index.html>. Acesso em: 07 mar. 2023.
- THE GUARDIAN (Editorial). Don't have sex with men of 'different race' during World Cup, Russian political warning. **The Guardian**. Word Cup. 14 de junho de 2018. Disponível em <https://www.theguardian.com/football/2018/jun/14/dont-have-sex-with-men-from-different-race-during-world-cup-warns-russian-politician>. Acesso em: 07mar. 2023.
- THE GUARDIAN (Editorial). Has the World Cup really improved workers' rights in Qatar? Five experts give their verdict. **The Guardian**. Rights and freedom Qatar Sun 23 Oct 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2022/oct/23/qatar-labour-policy-workers-world-cup-2022-expert-verdict>. Acesso em: 07 mar. 2023.
- THE GUARDIAN (Editorial). Has the World Cup really improved workers' rights in Qatar? Five experts give their verdict. **The Guardian**. Rights and freedom Qatar Sun 23 Oct 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2022/oct/23/qatar-labour-policy-workers-world-cup-2022-expert-verdict>. Acesso em: 07 mar. 2023.
- THE GUARDIAN (Editorial). The Guardian's view on the World Cup in Qatar: gestures are not enough. The governing body of world football must heed the calls to compensate abused migrant workers. **The Guardian**. Editorial. Dec. 18 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/profile/editorial>. Acesso em: 07 mar.2023.
- ZIMBALIST, Andrew. Circus maximus: **The economic gamble behind hosting the Olympics and the World Cup**. Washington, DC: Brookings Institution Press, 2015.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Leitura atenta de Lia Picoli

FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Processo: 2021/10443-3

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se Aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Silvan Menezes dos Santos

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Comissão Editorial

HISTÓRICO

Recebido em: 12 06 2023

Aprovado em: 29 02 2024